

O IMENSO, FRIÁVEL, REINO DA LINGUAGEM

Furio Jesi

No ensaio que dá título ao seu livro *Dietro le parole (Por trás das palavras)* (Milano: Garzanti, 1978), Claudio Magris lembra que o reino de Rilke foi até o último instante aquele “imenso e friável” das palavras. O segundo adjetivo pode escandalizar. “Friável”: dir-se-ia diminuída, portanto, a suprema destreza do Rilke poeta e prosador ao evocar constelações de palavras através de aparências duras e compactas como as “coisas” perdidas, às quais se direcionavam sua nostalgia e seu medo. Mas, precisamente com esse adjetivo, Magris concentrou em um ponto o esplendor da produção do poeta, dos *Die Aufzeichnungen des Malte Laurids Brigge (Os cadernos de Malte Laurids Brigge)* às últimas líricas.

As palavras pesadas, quanto mais transparentes, enquanto conferem semblantes cristalinos às páginas de Rilke atuam nelas jogos de espelhos e de desequilíbrios calculados, os quais tornam “friável” todo o reino da palavra e, estando ausente a certeza desse reino, aludem à solidão e à distância.

Em *Klingsors letzter Sommer (O último verão de Klingsor)*, de Hermann Hesse, dois amigos pintores estão à mesa, diante de “coisas amáveis e reconfortantes: trutas, salmão, aspargos, Chablis, vinho do Valais, Benedictine.” Depois, um fala ao outro: “Você tem pintado muitas coisas simpáticas e alegres... gosto muito de todas: hastes de bandeira, *clowns*, circos equestres. Mas o que mais me agrada é uma mancha sobre seu carrossel noturno. Você lembra? Sobre a tenda violácea, distante de todas as luzes, alta na noite, agita-se uma pequena bandeira fria, rosa-clara, tão bela, tão fria, tão distante, tão terrivelmente distante de tudo!”

Solidão e distância: em seu livro sobre Joseph Roth, que tem o título mais bonito da ensaística dos últimos anos, *Lontano da dove [Distante de onde]* (Torino: Einaudi, 1971), Magris diz: “A solidão, isto é, o lirismo, é antes de

L'immenso, friabile, regno del linguaggio.

Riga, Milano, n. 31 (Org. Marco Belpoliti e Enrico Manera), p. 232-233, 2010.

Texto publicado originalmente em *L'Ora*, Palermo, 21 abr. 1979.

Tradução de Davi Pessoa Carneiro

tudo distância de toda alteridade, distância absoluta porque desprovida até mesmo de todo ponto de referência e de toda conclusão de procedência: *distância de onde*.” “Distância” é palavra saborosamente rilkeana e é a auréola da “friabilidade” das palavras em que se encontram o poeta de Praga, de língua alemã, incapaz de ser poeta na língua de grupos nacionais eslavos que o fascinam, e os escritores judeus orientais que vivem a cisão entre linguagem e mundo também como perda da única língua sagrada e verdadeira de seus antepassados, ou seja, o hebraico clássico no qual não sabem mais se reconhecer há séculos.

O *shtetl*, “a pequena cidade” das comunidades judaicas orientais, sobre a qual Magris escreveu páginas esplêndidas, conservava na penumbra do ídiche vozes e nomes de afetos e de “coisas”. Com a fuga do *shtetl* essa penumbra se dilacera e, como Rilke, segundo a leitura de Magris, se penetra “em fraturas e cisões ainda mais profundas” por trás das palavras. São as “fendas que racham a frágil e provisória unidade do eu individual”: não por acaso Magris é um especialista em Hoffmann (de *Tre studi su Hoffmann*, Cisalpino, 1960, ao último livro *L'altra ragione. Tre saggi su Hoffmann*, Editrice Stampatori, 1978). Em Hoffmann ele reconhece “o isolamento do indivíduo desenraizado da totalidade e a festa do coro transcendental”, o instante crucial no qual quem não acredita mais na *ratio* iluminista “enfrenta a cisão do sujeito... com inflexões alternadas e hesitantes: sempre atento aos resultados das novas ciências *noturnas*.”

O mundo de Hoffmann, diz Magris, “ignora a presença consoladora de universais que garantem o sentido da vida”: para Rilke, para os escritores da cultura judaico-oriental, pode-se também falar de universais linguísticos. Magris, por outro lado, funda sua capacidade de colher esses testemunhos de “insensata” distância e solidão em sua pessoal destreza estilística, de grande ensaísta: “Festa, portanto, como metáfora do amor entendido como desejo de identificação, desejo de ‘ser você’, para usar as palavras com as quais, em clima e em tempos muito diferentes, mas em uma análoga entoação espiritual, o Anônimo Triestino¹ selará a paixão do protagonista de *Segreto* (Einaudi, 1961)”.

¹ Pseudônimo de Giorgio Voghera (1908-1999), escritor italiano nascido em Trieste. (n. t.)